

CULTURA AMAZÔNICA: O QUE DIZEM AS PESQUISAS NA ÁREA DE ENSINO?

CULTURA AMAZONAS: ¿QUÉ DICE LA INVESTIGACIÓN EN EL ÁREA DE EDUCACIÓN?

Hívina Dorzane Machado

Universidade do Estado do Amazonas
hdm.mca23@uea.edu.br

Lucélida de Fátima Maia da Costa

Universidade do Estado do Amazonas
lucelida@uea.edu.br

Caroline Barroncas de Oliveira

Universidade do Estado do Amazonas
cboliveira@uea.edu.br

Financiamento: CAPES e FAPEAM/POSGRAD 2024-2025

RESUMO

Este artigo revisa a literatura de 2013 a 2023 em periódicos de estratos A sobre as concepções de cultura amazônica entre professores e seus efeitos na constituição docente amazônica. Foram encontrados 61 artigos, dos quais 10 foram selecionados para análise completa. Os resultados mostram concepções cristalizadas e, em um caso, preconceituosas entre os professores. Elementos como mitologia, rituais, culinária, plantas e rios indicam uma interação estreita entre homem e natureza. Na prática docente, alguns professores buscam incorporar o multiculturalismo em suas abordagens de ensino-aprendizagem, promovendo reflexão, problematização e consideração da subjetividade individual.

Palavras-chave: cultura; Amazônia; prática docente; ensino.

Eixo temático: 4. Linguagem e culturas no ensino de Ciências e Biologia.

Modalidade: pesquisa acadêmica.

RESUMEN

Este artículo revisa la literatura de 2013 a 2023 en revistas de estrato A sobre las concepciones de cultura amazónica entre docentes y sus efectos en la constitución docente amazónica. Se encontraron 61 artículos, de los cuales se seleccionaron 10 para su análisis completo. Los resultados muestran concepciones cristalizadas y, en un caso, prejuiciosas entre los docentes. Elementos como la mitología, los rituales, la gastronomía, las plantas y los ríos indican una estrecha interacción entre el hombre y la naturaleza. En la práctica docente, algunos docentes buscan incorporar el multiculturalismo en sus enfoques de enseñanza-aprendizaje, promoviendo la reflexión, la problematización y la consideración de la subjetividad individual.

Palabras clave: cultura; Amazonas; prática docente; ensinando.

Eje temático: 4. Lengua y culturas en la enseñanza de las Ciencias y la Biología.

Modalidad: investigación académica.

INTRODUÇÃO

A Cultura Amazônica é uma tapeçaria complexa e fascinante, transcende a mera geografia para se tornar uma forma de vida intrinsecamente ligada à exuberância da biodiversidade natural e social. Para o amazônida, a relação com a natureza ultrapassa a ideia de “fonte de recursos naturais” e atinge atmosferas místicas e sagradas que transformam o modo de viver, tornando essa relação homem-natureza única e subjetiva. Sendo assim, a cultura amazônica pode ser expressa em rituais, danças, culinárias e diversas outras formas, com constantes ressignificações.

White e Dillingham (2009), em seu livro “O conceito de cultura” descrevem que a cultura não é estática, pois se modifica com o tempo e com a localização geográfica. Para Rodrigues (2012) a cultura amazônica está fortemente ligada aos indígenas, entretanto, está enovelada também da cultura europeia e africana. Neste trabalho, parte-se de um lugar que a cultura amazônica é múltipla, não podendo ser definida apenas de uma forma, pois é inventiva. Entretanto, quando se fala de cultura amazônica, de forma geral, surge estereótipos e uma ideia fixada. Diante desse cenário, surge o questionamento: que concepções são produzidas de cultura amazônica por professores da área do Ensino? É diante dessa perspectiva que surge o objetivo de analisar concepções de cultura amazônica de professores, a partir de pesquisas publicadas em periódicos de estratos A, na área do Ensino, no repositório da CAPES durante os últimos dez anos, e seus efeitos ao pensarmos em uma constituição docente amazônida pela via da complexidade.

Para atingir tal objetivo surge os aspectos metodológicos que caracterizam o trabalho como uma revisão de literatura, pois consiste no levantamento de dados sobre determinado tema, com ela é possível problematizar, identificar lacunas e tendências da área pesquisada e incentivar novos trabalhos (Brizola e Fantin, 2016). A presente revisão foi realizada em novembro de 2023.

Tendo como base de dados o Periódico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), no seguinte endereço eletrônico: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>, foram selecionados artigos publicados em revistas

com estrato A nos anos de 2013 a 2023, as palavras-chave para a procura de artigos foram “cultura amazônica” e “professor”. O trabalho é de cunho qualitativo, pois possibilita ao pesquisador analisar com diferentes perspectivas os dados (Godoy, 1995) e descritivo, com ele buscou-se I) Conhecer as ideias concebidas por professores sobre a cultura amazônica e II) Mapear as regiões que emergem ideia de cultura amazônica.

Os critérios de inclusão são definidos para selecionar artigos que respondem a questão “Que concepções são produzidas de cultura amazônica por professores da área do Ensino?” (Vanuchi e Raupp, 2022), no presente trabalho foram incluídas pesquisas que fossem: a) Artigos empíricos; b); possuísem acesso gratuito; c) Revistas estrato A, esse critério contou com auxílio da plataforma Sucupira para ciência do Qualis da revista, no quadriênio 2017-2020.

Na etapa inicial, foram encontrados 61 (sessenta e um) resultados, dos quais 10 (dez) pertenciam a revistas estrato A ao qual demonstravam em seu título, resumo, palavra-chave ou metodologia corresponder ao objetivo da pesquisa. Após a leitura completa, os dez (10) trabalhos demonstraram potencial para problematizar sobre as ideias de Amazônia dos autores e professores.

O trabalho está dividido em 2 (dois) tópicos, após a introdução, no qual, o primeiro trata das concepções múltiplas de cultura amazônica., intitulado “os diferentes modos de ver a Cultura Amazônica e o segundo tópico apresenta os artigos selecionados para a discussão.

OS DIFERENTES MODOS DE VER A CULTURA AMAZÔNICA

Como amazônidas, que somos, nos preocupamos com a fixação de um modo de ver amplamente divulgado pelas mídias de uma Amazônia natural, verde, e esquecemos, muitas vezes dos seus povos, dos que habitam esse espaço. A Amazônia é constituída pelo seu povo, o caboclo, ribeirinho, indígena, afrodescendente. Wanda Witoto, líder indígena traz uma fala importante sobre voltar o olhar para as pessoas que vivem na Amazônia “As pessoas querem proteger as árvores, os rios, mas não cuidam das pessoas que protegem as árvores e os rios. O mundo ainda olha para nós por satélite e não consegue enxergar nossas vidas.”

Para Paes Loureiro (1995), professor e escritor paraense, a cultura amazônica é dividida em duas grandes partes, a rural e urbana, na primeira a cultura tradicional é preservada, no segundo caso, existe trocas intensas com outras culturas. No rural, Loureiro diz do

imaginário unificador que reverbera nos mitos, na arte, na vida do caboclo ribeirinho, o sujeito amazônico cria e recria a cultura. Internacionalmente, a Amazônia é vista por sua beleza natural e intocada, na qual o homem e sua história não são incluídos (Fraxe, Witkoski e Miguez, 2009).

A concepção do estrangeiro sobre a Amazônia se restringe ao cenário e espaço geográfico, a cultura e seu povo não são lembrados. Na mídia e literatura, a Amazônia é vista de maneira ambígua como uma floresta intocada devido à dificuldade de acesso e com isso, misteriosa, mas também como explorada, invadida (Costa e Oliveira, 2017). Compreendemos concepção como um emaranhado de ideias, conceitos e representações sobre de algo (Perdigão, 2002, p. 268). Esse tipo de concepção acerca da cultura amazônica demonstra um pensamento limitado, por tanto é necessário potencializar o pensamento complexo. O termo “complexus” diz daquilo que é tecido junto, sendo, simultaneamente um e vários (Morin, 2005), sendo assim foge de uma única definição ou fixação e transita para algo abrangente que considera o tecido e não apenas uma linha ou fio. A palavra Amazônia tem diferentes significados, para Aragón, (2018, p. 24) “simboliza meio ambiente, ecologia, índios, populações tradicionais, floresta, oxigênio, água, biodiversidade, preservação, etc., e, nesse sentido, o que importa não é a representação física, mas o valor simbólico que leva seu nome”. Dentre várias concepções que representam a Amazônia, o que mais se intensifica é a relação dos bens naturais e a sobrevivência humana, isso demonstra a inter-relação entre homem e natureza, com um só.

A urgência de pensarmos a Amazônia integrada, conectada nos mobiliza para o que Morin (2006) afirma, é necessário exercer o pensamento complexo, partindo do princípio de que a parte está dentro do todo e o todo está dentro da parte, o que significa, neste artigo, que não há como dissociar algo, esterilizar, pois tudo está interligado. A ecoformação na educação é uma ferramenta potencializadora para o desenvolvimento de uma concepção planetária, que considera a relação entre o indivíduo, a sociedade e o meio ambiente e buscam colaborativamente o bem comum (Souza, Ertzoque e Zwierewicz, 2020). Uma educação pautada nesses pilares é uma possibilidade para ampliar a concepção sobre a Amazônia, que fuja de estereótipos ou preconceitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os artigos selecionados para essa revisão, serão apresentados no Quadro 1 em ordem cronológica do mais antigo para o mais atual.

Tabela 1: Artigos para revisão

Ano	Título	Dados da publicação e Revista, vol, no.
2015	Contexto amazônico na constituição de saberes matemáticos de professores dos anos iniciais na amazônia legal	REMATEC, NO 19
2018	Experiência de pesquisa em dança: narrativas de diferentes corpos da licenciatura em dança do parfor/etdufpa	Revista on line de Política e Gestão Educacional, vol. 22. no. 3
2018	Práticas docentes em uma escola ribeirinha na ilha de Marajó (Pará, brasil)	Cocar, vol.12, no. 23.
2019	A etnocologia, histórias de vida e percurso formativo: professores de dança	Revista Ibero-Americana de estudos em Educação. Vol. 14. No. 1.
2020	Linguagem e conhecimento, tema da formação inicial na licenciatura integrada em ciências, matemática e linguagem	REAMEC. Vol. 8. No. 1.
2020	O projeto escola da terra e as proposições da pedagogia histórico-crítica na educação do campo boa-vistense (am)	Imagens da Educação. Vol. 10. No. 3.
2020	“This made them said an “égua” ¹ in the middle of the conversation” ² – translinguagem e identidade amazônica	Organon. Vol. 35. No. 70.
2021	Saberes da tradição Amazônicos sobre Plantas e Ervas nas aulas de ciências nos anos iniciais	Revista de Educação, Ciência e Cultura. Vol. 26. No. 1.

2022	“É complicado, eles são muito fechados”: docência e cultura indígena na escola	Revista Educação e Contemporaneade. Vol. 31. No. 67.
2023	A coprodução de atividades para o ensino de matemática na formação inicial de professoras indígenas	REAMEC. Vol. 11. No. 1

Fonte: autoras

De 10 (dez) artigos, 8 (oito) foram desenvolvidos no estado do Pará, é importante enfatizar esse fato, pois demonstra deste estado amazônico quanto a esse tipo de investigação científica relacionada a cultura, enquanto os outros 2 (dois) foram produzidos no estado de Roraima e Amazonas.

O primeiro artigo “Contexto amazônico na constituição de saberes matemáticos de professores dos anos iniciais na Amazônia Legal” analisa que repercussões o contexto amazônico exerce nos saberes matemáticos e pedagógicos. Foi observado pelos autores que os aspectos culturais não são considerados no ensino da matemática, na prática dos professores, pois o ensino é pautado em livros didáticos. O único momento que a cultura amazônica apareceu, foi de forma superficial, quando uma das professoras, ao final da aula, citou comidas típicas da região, o camarão, peixe e farinha devido a um evento que teria na escola. Os autores inferem a falta de adesão quanto a etnomatemática.

É importante esclarecer que de acordo com D’Ambrosio (2002), a etnomatemática é vivenciada por grupos culturais, entretanto, sofre exclusão, por não ser de classes dominantes, principalmente no ambiente escolar. Os efeitos observados disso, é que a ausência da etnomatemática na formação inicial de professores influencia no apagamento da cultura nas escolas, uma vez que os professores não se sentem capacitados para trazer aspectos culturais nesse contexto, umas das possibilidades a se pensar é a de uma formação voltada para a diversidade cultural. Para Baptista (2015) é possível que o professor promova um diálogo intercultural, caso a formação dele o prepare para isso.

No artigo “Experiência de pesquisa em dança: narrativas de diferentes corpos da licenciatura em dança do PARFOR/etdufpa”, os autores revisitam suas ideias de Amazônia, partindo dos rios que ditam o ritmo da flora, fauna e da população. Mitos, lendas, músicas e tipos de danças são destacados. Nas narrativas dos participantes, a cultura está presente no ato de ensinar, como na brincadeira do Boi da Florinda, em que

é resgatado o conhecimento e folclore popular (Pereira e Paixão, 2018). Além de que, mesmo no contexto do curso de dança, em que se baseia de técnicas e por diversas vezes pode ser elitizado, o Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica - PARFOR compreende como corpo, para além do físico, mas também social e místico e a região Amazônica para uma perspectiva além da floresta, mas para as pessoas e suas singularidades. Dessa forma, a cultura amazônica é retratada na prática dos professores, indicando possibilidades para o ensino da dança.

No artigo “Práticas docentes em uma escola ribeirinha na ilha de Marajó (Pará, Brasil)” é um dos únicos artigos encontrados na revisão que não cita apenas as coisas belas da Amazônia, apesar de falarem da beleza natural, fala também da degradação e desigualdade social, o que faz parte da região. O que foi encontrado de similar com o artigo de Pereira e Paixão (2018) é a visão de que o rio tem um protagonismo na vida do Amazônida, principalmente a do ribeirinho, denominado como o mais representativo da cultura amazônica, apesar dos autores enfatizarem a multiculturalidade, devido à miscigenação de diferentes povos (europeus, africanos e indígenas). Quanto aos professores entrevistados, no contexto da pesquisa que originou tal artigo, uma das professoras problematizou que nas festas juninas da escola não era valorizada uma das danças típicas da região, o carimbo e conta que buscou trazer isso para sala de aula. Isso foi possível porque a professora em questão refletiu sobre sua prática. A reflexão sobre a prática pedagógica é importante para haver uma mudança no desenvolvimento profissional (Soares e Miranda, 2019). Outros aspectos culturais observados, foram o peixe-boi, canoa, lenda da cobra-grande, a pesca. Nota-se novamente a presença da culinária, como o camarão, peixe, açaí, assim como os instrumentos utilizado na coleta destes, como o matapi, caniço e espinhel utilizado. Nesta aula foi analisado que os alunos não possuíam ideia para que servia essas ferramentas, demonstrando as constantes mudanças na cultura, pois se trata de outra geração. Algo interessante levantado pelos autores é que trazer a cultura para sala de aula, não exclui os conteúdos presentes no currículo.

O artigo intitulado “A etnocologia, histórias de vida e percurso formativo: professores de dança”, tem por objetivo identificar o entrelaçamento entre histórias de vida e a etnocologia no percurso formativo dos estudantes da Licenciatura em dança. Diante desse objetivo, os autores perceberam a conexão das experiências vividas e com a escolha

do objeto de pesquisas dos estudantes, demonstrando que essas são experiências são transpassadas para o ambiente acadêmico/profissional. Um dos participantes caracterizou o amazônica como pretinho bonito, miscigenado com o afro. O carimbó apareceu novamente. E o Círio de primavera, passarada e pássaro da primavera, boi-bumbá, roceiras. Festas, como o carnaval da floresta, que marcado pela presença indígena, incorporou elementos do carnaval do Sul e do Nordeste, bloco da pinga. E também os autores fazem uma observação de que a cultura não é só um grande evento, mas o cotidiano.

No artigo “Linguagem e conhecimento, tema da formação inicial na licenciatura integrada em ciências, matemática e linguagem” as plantas, a culinária, artesanato, lendas, brincadeiras, cerâmica, desenhos e biodiversidade entre outros foram escolhidas pelos licenciados para ser tema de futuras aulas com seus alunos. Nessa atividade foi possível observar que as experiências individuais fora do ambiente acadêmico, influenciou na escolha da temática e também os instigou a buscar personalidades locais. Por tanto, a subjetividade dos professores em formação inicial se mostrou presentes, assim como a do professor da disciplina que buscou desenvolver a cultura do Marajó em suas dinâmicas.

O projeto escola da terra e as proposições da pedagogia histórico-crítica na educação do campo boa-vistense (AM), traz como características da cultura amazônica, lendas, mitos, rezas, puxadeiras, festivais folclóricos e assim como o de Pereira e Paixão (2018). Loureiro (2001) explica os mitos e lendas como um produto do imaginário poetizador, que transforma o comum em poesia, criando novos signos a partir da relação do homem com a Amazônia. Como na escrita dos autores:

Quando os professores/pesquisadores formadores da universidade adentram nos rios amazônicos em determinados períodos, considerando as especificidades amazônicas como o fluxo das águas, que muitas vezes arrasta as plantações pelas correntezas do rio e se configura como um eterno recomeço. Quando o rio seca e deixa suas margens férteis para o plantio, a família amazonense cheia de força e esperanças planta para novos recomeços (Mourão, Costa e Pimenta, 2020).

Os sujeitos descritos pelos autores são o artesão, pescador, indígena, caçador, ribeirinho e a floresta como uma farmácia natural.

O artigo “This made them said an “égua” in the middle of the conversation” – translinguagem e identidade amazônica, mostra as possibilidades de ensino-aprendizagem da língua inglesa sem que ocorra uma ruptura com a cultura regional, ou

que haja apenas uma forma correta de se expressar. Os autores argumentam como a comunicação é heterogênea e pode ser manuseada de diferentes formas, com isso apontam para a translinguagem como estratégia para a agregação da diversidade, complexidade e transformação. Segundo as narrativas dos sujeitos, a Amazônia se mostrou presentes nesses corpos, no sentido que alguns elementos oriundos da região não são passíveis de tradução, como as palavras tambaqui, açaí, farinha. Os participantes compreendem a mestiçagem das línguas e buscam respeitá-la, assim como o sotaque, pois é a identidade de um povo.

No artigo “Saberes da tradição Amazônicas sobre Plantas e Ervas nas aulas de ciências nos anos iniciais”, devido à temática, os autores trazem em suas concepções os conhecimentos tradicionais que são transmitidos pela oralidade (Pires e Silva, 2021). A professora, em suas falas, infere o uso de plantas medicinais como parte da cultura dos povos tradicionais e deu exemplos da copaíba e andiroba e procura em sua prática valorizar esses conhecimentos nas aulas de Ciências, como uma forma de preservar esses saberes tradicionais. Algo essencial de salientar, é que o tradicional não significa estático, imutável, pois de acordo com Albagli (2005) quer dizer de uma renovação e (re)descoberta do saber, bem como a cultura.

O artigo “É complicado, eles são muito fechados: docência e cultura indígena na escola”, objetivou descrever as percepções de docentes a respeito da cultura indígena e seu ingresso em uma escola pública urbana, os resultados apontaram para uma visão estereotipada dos professores quanto os indígenas, como se pertencessem a uma cultura inferior, até houve uma fala sobre como os indígenas são agressivos, diante disso, é necessário sensibilizar os professores para novas formas de olhar os sujeitos, com as suas multiplicidades, para que assim, em sua prática, possa ser alcançada uma educação para a diversidade (Alves e Ramos, 2020).

O último artigo intitulado “A coprodução de atividades para o ensino de matemática na formação inicial de professoras indígenas” as ideias sobre a cultura amazônica são voltadas para a Matemática e nas formas de desenvolver um diálogo entre a matemática tradicional e a escolar. Na pesquisa, as pesquisadoras e professoras indígenas oportunizou a discussão sobre a interculturalidade. Este foi o único artigo da revisão que em sua abordagem metodológica trabalhou colaborativamente com indígenas.

Diante dessas descrições, as concepções que se mostraram recorrentes sobre a Cultura Amazônica nas falas dos participantes e autores das pesquisas, professores formados ou em formação, são representadas por meio de lendas, como a do boi bumbá, cobra-grande e boto. Assim como o rio se apresenta como um fio condutor do cotidiano, que orchestra o ritmo da vida dos sujeitos ali presentes, sujeito esse representando pelo ribeirinho, tido como protagonista. Outro aspecto observado é dos estilos de danças e músicas, a exemplo, o carimbó, típico do Pará. E a última concepção mais recorrente é a culinária descrita como uma manifestação cultural marcada pelo açaí, peixe, camarão, dos quais desses hábitos alimentícios, foram desenvolvidas ferramentas para pesca, como o matapi. Pode-se perceber que quando questionado ao povo amazônida sobre a cultura, vários aspectos são considerados, que fazem parte da sua vivência, diferente da visão do estrangeiro ou propagados por veículos de comunicação. Sendo assim, é urgente refletir uma formação de professores que abrace esses saberes, histórias de vida e rompa com o pensamento simplificado, fragmentado.

A exemplo do pensamento simplificador, apenas 2 (dois) artigos citaram a multiculturalidade, além de que, das 10 (dez) produções, 8 (oito) são do Pará, indicando uma ausência de pesquisas voltadas para a cultura de outros estados da Amazônia.

Todos os artigos foram da região geográfica da Amazônia brasileira, especificamente da região norte do Brasil. Isso configura que a Amazônia está sendo pensada pelos amazônidas de alguma forma e estes movimentos científicos na área de ensino, que trazem a formação de professores amazônidas e seus entendimentos sobre a própria cultura é algo significativo. Apesar de que em dez anos só apareça 10 artigos com essa temática, considerando que o primeiro só apareceu em 2015 e o segundo em 2019, demonstra o apagamento de reflexões sobre um ensino amazônico que considere suas culturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão de literatura realizada possibilitou conhecer algumas concepções que rondam a cabeça de professores amazônidas, que por sua vez atravessam suas práticas. Os resultados apontam algumas ideias cristalizadas e até mesmo, em um dos casos, preconceituosas. A mitologia, linguagens, rituais, a culinária, plantas e os rios foram destaques das concepções dos professores sobre cultura amazônica. Esses três últimos pontos demonstram a forte relação entre o homem e a natureza, e como esses aspectos

fazem parte da vivência dos professores, mas possuem espaço restrito em sala de aula, uma vez que se tem a ideia de que apenas o conhecimento científico é válido.

Sobre os efeitos na prática docente, alguns professores se mobilizam a pensar em um ensino-aprendizagem que englobe o multiculturalismo, o que é gerado, em alguns casos, a reflexão e problematização. Além de valorizar a subjetividade e suas histórias de vida. É possível perceber também que mesmo com as similaridades, há também as singularidades de cada um, não há como homogeneizar as concepções e definir o que é a cultura amazônica, pois em cada corpo habita uma Amazônia. Com isso, espera-se que este trabalho incentive pesquisas sobre a cultura amazônica no contexto escolar, afim de ampliar e fomentar uma sociedade inclusiva em que sejam valorizados, respeitados e preservados os conhecimentos gerados pelas diferentes culturas, assim como à diversidade cultural como um todo.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S. Interesse global no saber local: a geopolítica da biodiversidade. In: MOREIRA, E.; BELAS, C.A.; BARROS, B. (Orgs.). SEMINÁRIO SABER LOCAL / INTERESSE GLOBAL: PROPRIEDADE INTELECTUAL, BIODIVERSIDADE E CONHECIMENTO TRADICIONAL NA AMAZÔNIA, Belém, 2005. Anais... Belém: CESUPA, MPEG, 2005. p.17-27

ARAGÓN, L. E. A dimensão internacional da Amazônia: um aporte para sua interpretação. **Revista NERA**. Dossiê Amazônia, [S. l.], v. 42, p. 13–33, 2018.

BAPTISTA, G. C. S. Um enfoque etnobiológico na formação do professor de ciências sensível à diversidade cultural: estudo de caso. **Ciência & Educação** (Bauru), v. 21, p. 585-603, 2015.

BRIZOLA, J.; FANTIN, N. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos-RELVA**, v. 3, n. 2, 2016.

COSTA, M. O; OLIVEIRA, C. B. Fabricação midiática e literária: tecendo os fios discursivos de uma amazônia. **Ciências em Foco**, v. 10, n. 2, 2017.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática-elo entre as tradições e a modernidade**. Autêntica, 2016.

FRAXE, T. J. P.; WITKOSKI, A. C.; MIGUEZ, S. F. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. **Ciência e Cultura**, v. 61, n. 3, p. 30-32, 2009.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de empresas*, v 35, p20-29, 29

LOUREIRO, J. J. P. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

LOUREIRO, J.J. Do mito à ciência. In: PAES LOUREIRO, J de J., OLIVEIRA, R. G., DUARTE, R. (Org.) **Arte e Cultura na Amazônia: os novos caminhos**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2012. p.15-25.

MOURÃO, A. R.B.; COSTA, E. F.; PIMENTA, A. C. T. O projeto escola da terra e as proposições da pedagogia histórico-crítica na educação do campo boa-vistense (am). **Imagens da Educação**, v. 10, n. 3, p. 64-79, 2020.

MORIN, E.; LISBOA, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PERDIGÃO, A. L. R. V. Concepções pessoais de futuros professores sobre processos de aprendizagem e de ensino. In: REALI, A. M. M. R.; MIZUKAMI, M. G. N. (Org.). **Formação de professores: práticas pedagógicas e escola**. São Carlos: UFSCar, 2002. p. 265-291.

RODRIGUES, A. L. C. A complexidade da cultura amazônica e seu reflexo para a organização e representação da informação. **AtoZ**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 10-25, jan./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.atoz.ufpr.br>>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

PEREIRA, R. A. G.; PAIXÃO, C. J. Experiência de pesquisa em dança: narrativas de diferentes corpos da licenciatura em dança do PARFOR/ETDUFPA. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, v. 22, n. 3, p. 1198-1216, 2018.

PEREIRA, R. A. G.; PAIXÃO, C. J. A etnocenologia, histórias de vida e percurso formativo: professores de dança. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 265-279, 2019.

PIRES, E. T.; SILVA, C. A. F.. Práticas docentes em uma escola ribeirinha na Ilha de Marajó (Pará, Brasil). **Revista Cocar**, v. 12, n. 23, p. 168-194, 2018.

SILVA, J. A.; RAMOS, M. A. Contribuições da etnobiologia para formação continuada de professores de ciências da educação escolar quilombola. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 19, n. 1, p. 132-158, 2020.

SOUZA, K. P. Q.; ERTZOGUE, M. H.; ZWIEREWICZ, M. Ecoformação: entre dilemas e desafios um olhar transformador para o século XXI. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 4, p. 119-128, 2020.

SOARES, S.; MIRANDA, D. Reflexão dos docentes sobre sua prática pedagógica: implicações para o seu desenvolvimento profissional. **Em Aberto**, v. 32, n. 106, 2019.

VANUCHI, V. C. F.; RAUPP, D. T. Revisão Sistemática de Literatura acerca da abordagem da temática indígena no Ensino de Ciências. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, v. 18, n. 40, 2022.

WHITE, L. A. **O conceito de cultura**. Rio de Janeiro: contraponto editora, 2009.